

190

# As reservas indígenas e a revisão constitucional (final)

Taunay Coelho Reis

Registramos, a seguir, comentários relativos à nossa vivência e fornecemos dados numéricos objetivos para que o leitor possa formar juízo. Quando as pessoas são informadas sobre as verdadeiras dimensões das nossas reservas indígenas reagem, primeiro com incredulidade, depois com estarecimento e indignação. Para se conseguir a correção das exorbitâncias, torna-se indispensável e conveniente divulgar os dados numéricos que põem a nu os exageros. Esses dados são auto-explicativos e mais convincentes do que os adjetivos e as subjetividades.

Os 793.000 km<sup>2</sup> reservados pelo Brasil para 240 mil índios são: 26 vezes maiores do que a Bélgica; maiores do que a soma dos territórios da Grã-Bretanha e da França; 4.800 vezes maiores do que a superfície reservada pelos Estados Unidos, 165 km<sup>2</sup>, para 800 mil índios! Em média, enquanto cada índio americano tem reservados 207m<sup>2</sup>, cada índio brasileiro tem 3.304.166m<sup>2</sup>, isto é, 15.960 vezes mais!

Não basta uma justa reserva de território. De acordo com os ensinamentos postos em prática pelo marechal Rondon e seus seguidores, nossos índios merecem um tratamento solidário que, inclusive, respeite seu livre arbítrio e evite induzi-los a permanecerem, para sempre, na idade da pedra. Enquanto se procu-

ra justificar a macroexorbitância no atendimento de 240 mil índios não se procura atender dezenas de milhões de carentes também proprietários de nossas terras públicas. Que forças estarão por trás dessa clamorosa diferença de tratamento aplaudida pelas nações historicamente colonialistas e intervencionistas?

Abusos ocorrem e devem ser coibidos, em qualquer atividade humana, inclusive, como ficou recentemente comprovado, no exercício da Presidência da República. Os romanos já diziam que a ocorrência do abuso, não deve revogar o direito do uso. Acresce que, para evitar mal-entendidos futuros, é conveniente que nosso território seja ocupado por patrícios que falem nossa língua, torçam pela nossa seleção, cantem nossas canções. Em resumo, que estejam culturalmente integrados a nós. É oportuno lembrar que, historicamente, o fato dos povoados falarem português ou espanhol ajudou muito na definição da nossas fronteiras.

A aqueles que subestimam possíveis conseqüências negativas da Reserva Yanomámi e de outras reservas, lembramos o episódio histórico, ocorrido no início do século, quando, com o apoio dos Estados Unidos, o Panamá separou-se da Colômbia e autorizou, em condições favoráveis, a construção do Canal do Panamá. Os alertas de Cassandra, com relação ao Cavalo de Troia, foram interpretados pelos troianos, como medo desprovido de fundamento. Os fatos provaram que Cassandra tinha razão.

É oportuno lembrar que, infelizmente, a grande Reserva Yanomámi (94.000km<sup>2</sup>, três vezes a Bélgica), é apenas parte da macroexorbitância de nossas reservas indígenas (793.000km<sup>2</sup>, vinte e seis vezes a superfície da Bélgica). Embora o Brasil possa e deva melhorar seu relacionamento interracial, poucos países progrediram tanto quanto o nosso nesse setor. Nenhum dos países que se apresentam agora como "benfiteiros" dos índios integrou melhor alienígenas e indígenas do que o Brasil. Os exemplos são numerosos: Caramuru, Araribóia, Felipe Camarão, Rondon, Irapuan, Villalobos (o índio de Casaca, como gostava de ser chamado), o governador de Pernambuco Joaquim Francisco, o governador do Rio Grande do Sul, Alceu Colares, todos orgulhosos de sua ascendência indígena somados a dezenas de milhões de brasileiros muitos dos quais nem sabem que tem sangue indígena.

Qualquer pessoa, medianamente versada em caracteres raciais, poderá constatar as elevadas percentagens de índios e descendentes de índios na nossa população cruzados, ou não, com nossos irmãos de sangue africano, asiático e europeu. Os "benfiteiros" de nossos índios não ignoram que no Brasil existe, com problemas sérios de sobrevivência, descalços, descamisados, bóias-frias, desempregados e miseráveis em número cem vezes maior que os 240 mil índios que dizem preocupá-los. Se as razões, fossem verdadeiramente humanitárias, as priorida-

des das ajudas seriam, indubitavelmente, outras.

Por que não ajudam, mais e melhor, suas antigas e atuais colônias com as quais têm gigantescas dívidas sociais?

Por que não ajudam, eficazmente, os milhões de africanos massacrados há séculos pela minoria anglo-holandesa na África do Sul?

Por que as ajudas do I mundo às Somálias, Bangladeches e Biafras chegam sempre insuficientes e atrasadas?

Por que as ONGs não cobram, para os negros, os ressarcimentos territoriais que cobram para os índios?

As incoerências são de tal monta que torna-se lícito supor que o que eles realmente estão querendo são as províncias minerais muitas das quais, por "coincidência", foram envolvidas pelas reservas.

Pelas razões já expostas, neste e em outros trabalhos, e pelas que exporemos adiante, contestamos aqueles que, com afirmações subjetivas, tentam minimizar e justificar os exageros e as inconveniências concernentes a dimensões e localizações das nossas atuais reservas indígenas.

Taunay Drummond Coelho Reis - general da Reserva. Membro do Mudecom - Movimento em Defesa da Economia Nacional (Barbosa Lima Sobrinho) - Membro do Cebres - Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos.

3